

O triste cotidiano de um sobrevivente das ruas

10

Cosme Batista de Lima, 26 anos, vive com os amigos em frente à loja vazia na 714 Norte. Não trabalha, é alcoólatra, vive com o dinheiro que *mangueia* – "pede", na linguagem dos moradores de rua. Dorme sob o relento com colchões velhos e lençóis furados. Mas a vida do jovem nem sempre foi assim. Ele conta que é de uma família de classe

média, tinha carro do ano e estudou até o Ensino Médio. Cosme tinha emprego, era *light designer* – fazia efeitos com luzes em shows. Tudo até começar a beber e se viciar em drogas. Ele conta que fumou maconha e cheirou cocaína. Até que, há um ano, foi mandado embora do emprego, brigou com a família e foi morar nas ruas.

"Tive muitas decepções. Minha família e meus amigos ricos me viraram as costas na hora em que mais precisei deles", diz. Cosme vivia com o pai na Asa Norte, que se mudou de Brasília há seis meses. A mãe morreu quando ele era criança e ele nunca mais viu os irmãos.

Um dia, ele se apaixonou. Estava disposto a se casar,

constituir uma família e sair das drogas. Mas a namorada o traiu e colocou todos os seus sonhos por água abaixo. "Peguei ela me traindo. Aí me afundei no poço. Bebia cada vez mais e fiquei pior ainda."

Hoje, nas ruas, ele sequer vigia carros para ganhar o trocado para a dose de pinga. Prefere pedir e contar com a solidariedade dos outros.

Mangueia dinheiro, comida e cigarros. E garante que não usa mais drogas. Mas passa o dia "tomando todas para esquecer dos problemas".

Apesar da vida difícil que leva nas ruas, Cosme tem um grande carinho pelos companheiros de sofrimento e de copo. "Aqui encontrei amigos de verdade. Quando um tem dinheiro, ajuda a todos", diz.